

O pensamento arquitetônico, depois de praticamente abandonar a cidade como objeto imediato de suas preocupações logo após o fracasso dos postulados modernistas, resgata hoje o tema e o coloca como um dos elementos principais de suas especulações. O urbano, que se apresenta radicalmente complexo, tumultuado e pulsante ante os olhos do homem contemporâneo, é registrado pela arte e pela cultura de nosso tempo com uma semântica deslocada da tradição. *Diferença, desvio, vazão, deserto, limite, fratura, dobra, congestão, situação*: termos para designar e qualificar o que ainda é possível de se ver no cotidiano caótico e tumultuado. Mas, diferente do Romantismo tardio do século XIX, que transpassava a fragmentação do mundo com um olhar transcendente e nostálgico da unidade perdida (Baudelaire, Camilo Sitte, E. T. A. Hoffmann, Ruskin), e diferente também da crença apolínea do Movimento Moderno em restabelecer a ordem através de um novo constructo racional (Arquitetura ou Revolução, dizia Le Corbusier), e, por fim, distante do pensamento sociológico das décadas de 60 e 70, que via na desordem urbana um subproduto de uma determinada ordem sócio-econômica (o sistema capitalista), o pensamento contemporâneo registra o caos como a (des)ordem possível.

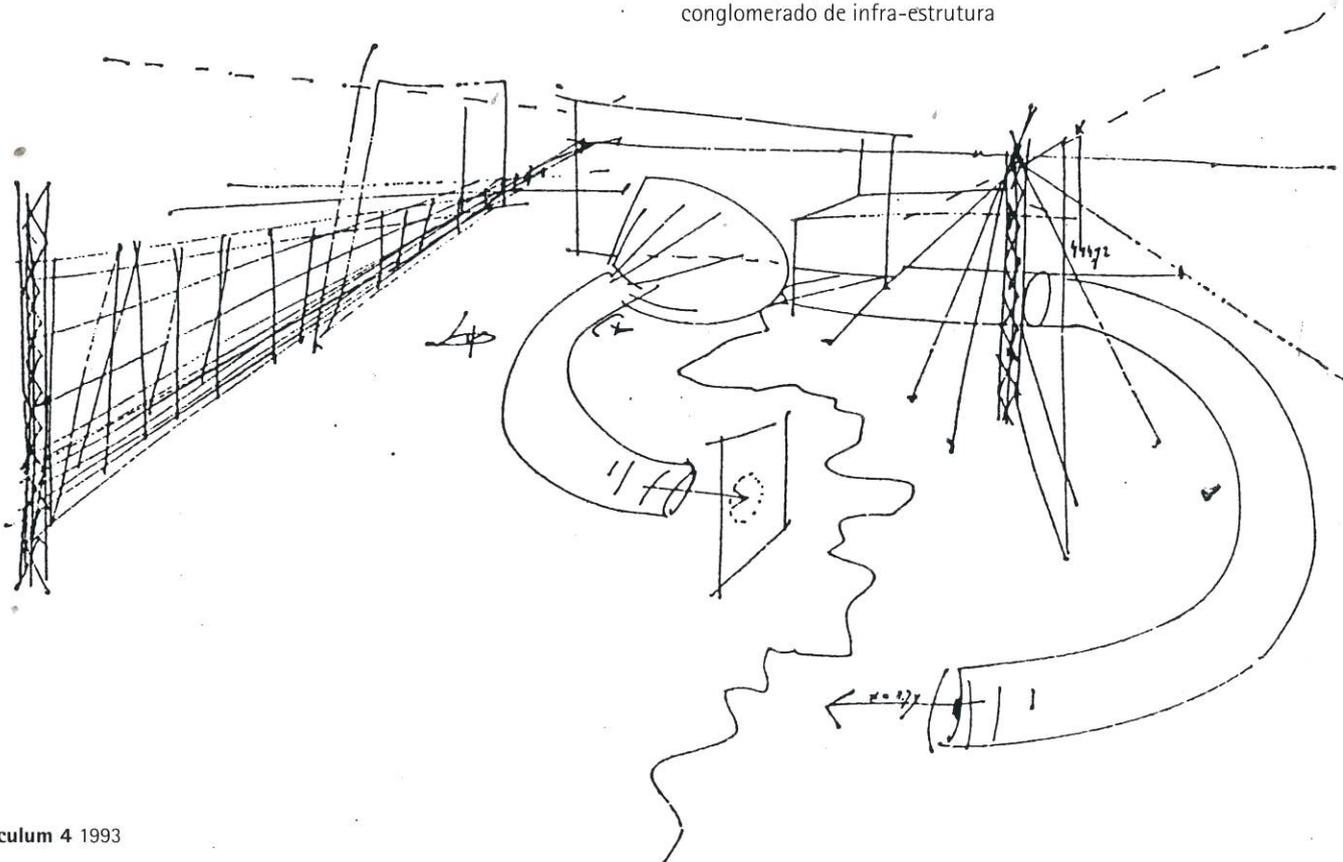
Neste sentido, poderíamos traçar um arco imaginário unindo experimentações estético-culturais contemporâneas das mais diversas onde esta *Weltanschauung* se expressa: o cinema de *Blade Runner* ou de

Brazil, a filosofia de Jacques Derrida ou de Gilles Deleuze, a música atonal ou conceitual filiada às experimentações de Schoenberg e, mais recentemente, John Cage, o teatro desencantado de Beckett. Esta *nova* visão de mundo não é, portanto, um corte radical e sistemático com as ordens anteriores, mas uma torrente subterrânea que vaza desde a primeira metade do século — certamente desde as obras de Franz Kafka e Orson Welles — e que registra o mundo com um olhar imane (apartado tanto da visão gestáltica totalizante como da angústia trágica frente ao desconhecido) e encontra hoje, na discussão da arquitetura e do urbanismo, uma de suas formas de expressão mais interessantes e instigantes.

Estas considerações nos permitem supor afinidades conceituais curiosas, como, por exemplo, as concepções urbanísticas de Constant Nieuwenhuis e Rem Koolhaas. Datada historicamente pelo ambiente contracultural nascente, a *Nova Babilônia* de Constant (final da década de 50), tendo como lastro sociológico os laços informais da sociedade moderna, e como suporte arquitetônico-urbanístico as mega-estruturas de alta-tecnologia, permite a efetivação do acaso e da deriva, uma nova sociedade/cidade em perpétuo movimento e transformação, uma nova realidade que só se materializa em situações. O Situacionismo de Constant se reatualiza na obra de Rem Koolhaas; Koolhaas é autor e responsável por algum dos mais importantes projetos urbanísticos da última década, o *Eurallie*, um mega-projeto para a região de Lille, França, envolvendo um sistema de trem rápido — TGV —, rodovias, parques, etc. — um conglomerado de infra-estrutura

urbana, com diversos projetos arquitetônicos pontuais, que foram entregues a arquitetos diversos. Também um dos responsáveis pelo projeto *Transferia*, de 1991,¹ plano territorial para a Holanda, com a colaboração de diversos arquitetos, a importância de sua obra mereceu, recentemente, um número especial da revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui*.²

Como no universo da política, onde a queda do muro de Berlim — fato histórico simbólico da perda de valores estáveis e absolutos — trouxe à tona diferenças nacionais, étnicas e religiosas em contraponto às intenções internacionalizantes e homogeneizadoras (Europa Unificada, por exemplo), no campo da arte e da cultura esta ambivalência também se dá, felizmente com momentos bem menos chauvinistas. Hoje a discussão é universal para estabelecer verdades culturais cada vez mais parciais. Suas virtualidades mais instigantes, contudo, não se confundem com as derivações nacionalistas do modernismo, de enraizamento na terra e na expressão cultural de sua gente. "Para termos expressão universal, precisamos ser particulares", diziam Graça Aranha e Mário de Andrade, proposição que acabou se formalizando, no caso brasileiro, em ideário nacionalista, homogeneizador e instaurador de uma nova ordem (os projetos político e urbanístico de Brasília são, em muitos sentidos, a culminância desse vetor histórico e o fracasso de ambos não pode ser considerado apenas como um acaso ou uma deturpação). A frase do arquiteto francês Jean Nouvel é



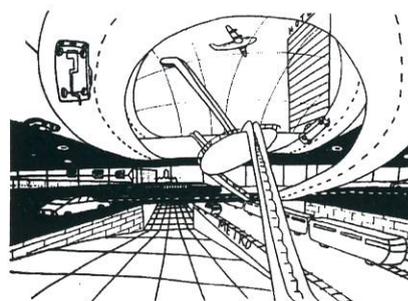
exemplar da mais profícua postura alternativa contemporânea: "O contextualismo, como o oportunismo, frequentemente é um termo que é mal compreendido. As pessoas associam o contextualismo ao neo-regionalismo, a integração com a paisagem, ao sentido mais insípido do termo, a uma arquitetura digerida que não existe. Busco uma *poética da situação*, uma arquitetura que desapareça, e nunca através do pastiche ou do amálgama. Sou por uma poética da desapareição."³

Outro arquiteto de expressão internacional, inglês radicado nos Estados Unidos, Alan Colquhoun, denuncia o regionalismo puro como uma ideologia de origem romântica forjada no século XIX e inapropriado enquanto conceito para operações contemporâneas e só o aceita em uma acepção muito restrita: "Uma das situações que parece certa sobre o trabalho regionalista é a autoria. Se se quer usar a palavra regional em tal contexto, temos que considerar um sistema de segunda ordem filtrado através de uma sensibilidade eclética de um arquiteto particular, como o resultado de uma interpretação voluntária de alguns valores urbanísticos, um resultado que leva em conta as formas urbanas existentes como contexto

artístico. De antemão, não se trata de uma confirmação de uma tradição local ainda com vida. Os códigos arquitetônicos que algum dia estiveram ligados a costumes regionais culturais semi-autônomos foram libertados faz tempo desta dependência. Se, porém, se usam para reforçar características locais é por desejo dos arquitetos. É uma livre eleição."⁴ Ou seja, trata-se de uma postura regionalista consciente, arbitrária, e não uma condicionante cultural totalizante.

Se é certo que uma linhagem significativa da cultura contemporânea está operando em um registro particular, não nos obriga, portanto, a uma recusa de uma perspectiva universalizante. O multi-culturalismo não nos empurra obrigatoriamente para uma antropologia relativista, que a tudo desculpa pelo respeito à *diferença*. Ao contrário, é no encontro respeitoso dos desiguais que encontramos as experimentações artísticas contemporâneas mais interessantes (que pode ser desde David Byrne com *tropicália* até Norman Foster em Nîmes). A descontextualização, a desterritorialização, o deslocamento: noções físicas e conceituais que nos permite o olhar novo, o olhar sem pré-conceitos, o olhar estrangeiro. O que aqui se coloca é muito simples: ao mundo contemporâneo faltam respostas definitivas, mas um homem é o Homem, e as perguntas que faz são sempre universais.

Euralille,
desenhos de Rem
Koolhaas

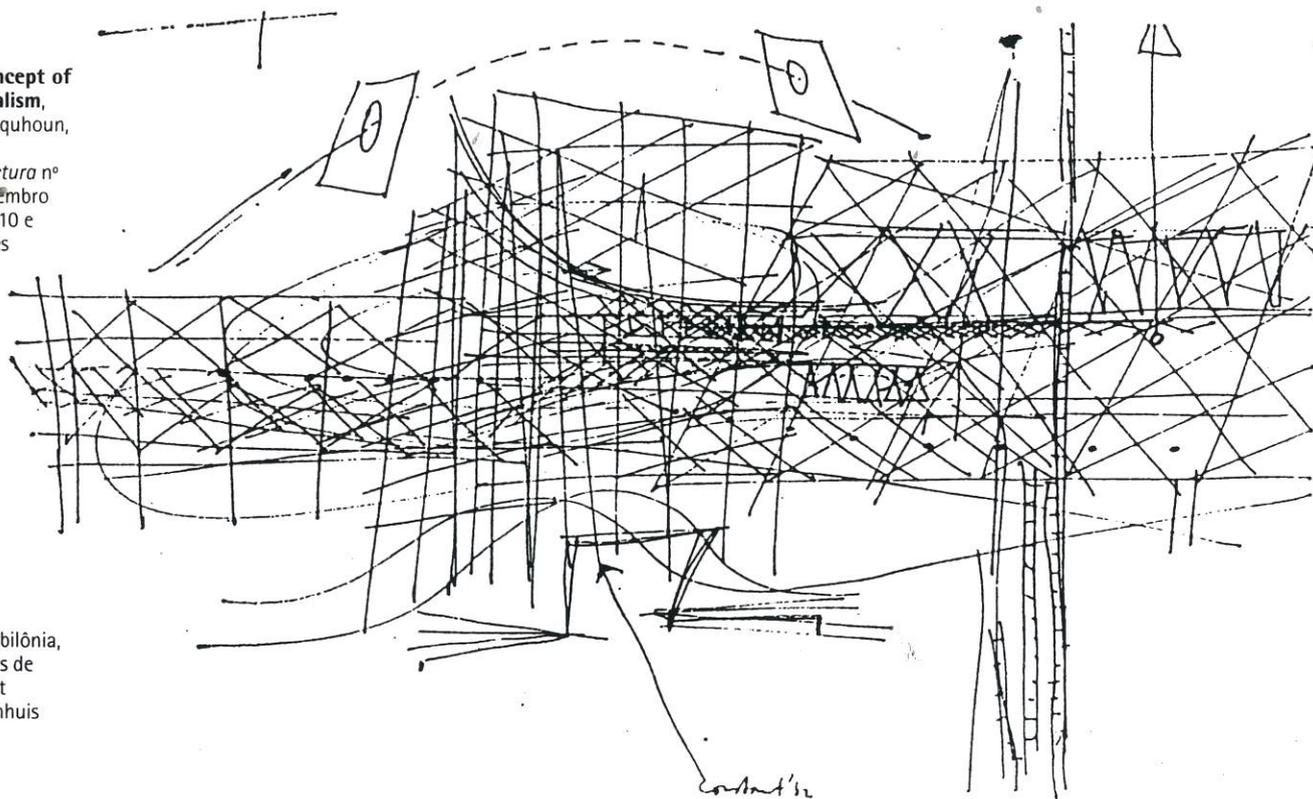


1
Progetto Transferia,
progetto di Rem
Koolhaas, Winy
Maas, Sarah
Whiting, Udo
Garrizmann,
Shinichi Kanefuji,
Chidi Onwuka,
Arno de Vries,
Ron Steiner, 1991,
revista *Casabella*,
nº especial 597-
598, jan/fev 1993,
pp 90-91

2
Revista
*l'Architecture
d'Aujourd'hui* nº
280, abril 1992

3
**The Contextual
Interface**, Jean
Nouvel, revista
Arquitettura, nº
295, março 1993,
p 106

4
**The Concept of
Regionalism**,
Alan Colquhoun,
revista
Arquitettura nº
292, setembro
1992, p 10 e
seguintes



Nova Babilônia,
desenhos de
Constant
Nieuwenhuis